

Técnicas de manejo comportamental não farmacológicas na Odontopediatria

Non-pharmacological behavioral management techniques in Pediatric Dentistry

Recebido: 16/02/2022 | Revisado: 20/02/2022 | Aceito: 08/03/2022 | Publicado: 09/03/2022

Larissa de Oliveira Silva

Universidade Brasil, Brasil
E-mail: oliveiraslaari@gmail.com

Wagner Simão Araújo

Universidade Brasil, Brasil
E-mail: wagnersimaoaraujo@gmail.com

Monica Braga Lopes

Universidade Brasil, Brasil
E-mail: monica_central@hotmail.com

Michele Cristina Silva do Vale

Universidade Brasil, Brasil
E-mail: neuromvale@gmail.com

Antonio Lucio Sant'Ana Neto

Universidade Brasil, Brasil
E-mail: alsantaneto@msn.com

Resumo

A relação comportamental entre o paciente pediátrico, e o odontopediatra é descrita na literatura como potencialmente ansiogênica. As técnicas de manejo comportamental não farmacológicas, são instrumentos metodológicos, que possuem a capacidade de estabilizar, e prevenir o comportamento não colaborativo em pacientes infantis durante o atendimento odontológico. O objetivo deste trabalho foi, por meio de uma revisão de literatura discutir sobre as técnicas de manejo comportamental não farmacológicas mais utilizadas na prática clínica da odontopediatria. Esta revisão bibliográfica da literatura avaliou artigos publicados de 2008 a 2022, relacionados ao manejo comportamental por meio de técnicas não farmacológicas em odontopediatria. Os artigos foram pesquisados nas bases de dados como a Pubmed, Bireme, SciELO, Google Scholar e LILACS. Após leitura inicial dos resumos, foram selecionados 27 artigos que foram lidos na íntegra e constituem o corpo bibliográfico desta revisão. Conclusão: As técnicas de manejo comportamental não farmacológicas, se mostram eficazes para estabilizar, e prevenir, comportamentos não colaborativos. Portanto, é indispensável que o odontopediatra possua conhecimento, e domínio dessas abordagens para sua assertiva aplicação, uma vez que, a escolha apropriada da técnica de manejo comportamental pode estimular um comportamento colaborativo do paciente, respaldando um possível melhor prognóstico no tratamento.

Palavras-chave: Odontopediatria; Manejo comportamental; Psicologia.

Abstract

The behavioral relationship between the pediatric patient and the pediatric dentist is described in the literature as potentially anxiogenic. Non-pharmacological behavioral management techniques are methodological tools that have the ability to stabilize and prevent non-collaborative behavior in child patients during dental care. The objective of this work was, through a literature review, to discuss the non-pharmacological behavioral management techniques most used in the clinical practice of pediatric dentistry. This literature review evaluated articles published from 2008 to 2022, related to behavioral management through non-pharmacological techniques in pediatric dentistry. The articles were searched in databases such as Pubmed, Bireme, SciELO, Google Scholar and LILACS. After the initial reading of the abstracts, 27 articles were selected, which were read in full and constitute the bibliographic body of this review. Conclusion: Non-pharmacological behavioral management techniques are shown to be effective in stabilizing and preventing non-collaborative behaviors. Therefore, it is essential that pediatric dentists have knowledge and mastery of these approaches for their assertive application, since the appropriate choice of behavioral management approach can stimulate a collaborative behavior of the patient, supporting a possible better prognosis in the treatment.

Keywords: Pediatric dentistry; Behavioral management; Psychology.

1. Introdução

A odontopediatria é a especialidade odontológica que tem por objetivo o estudo, e cuidado de bebês, crianças, e adolescentes, assim como também, importante papel na orientação durante período gestacional. (Bönecker, 2015). Essa

especialidade por muitas vezes tem como fator dificultante, as questões de ordem psicológica, e psicossomática que antes mesmo da chegada do paciente ao consultório, podem se manifestar tornando o comportamento do paciente não colaborativo. Fatores como medo, ansiedade, e aflição, podem prejudicar diretamente o tratamento, influenciando desde anamnese, consulta, planejamento do tratamento adequado de acordo com o caso, exames, escolha da terapia farmacológica, e prognóstico do paciente. Dentre as causas de comportamentos não colaborativos no tratamento do paciente pediátrico estão, as fobias, questões de ordem psicológica, e bloqueios ou traumas familiares que foram transmitidos pelos pais/tutores para a criança, influenciando de forma incisiva no andamento do tratamento odontológico. (Brandenburg & Haydu, 2009; Possobom, 2007; Maltarollo et al., 2020; Vale et al, 2021).

A relação entre o profissional, e o paciente infantil é habitualmente relatada na literatura como potencialmente ansiogênica, muitas vezes marcada por comportamentos hostis, não colaborativos que estão relacionados a questões de ordem psicológica, que podem ser observadas, e constatadas não apenas nas crianças, mas também em seus tutores. Tais fatores acabam por vezes dificultando o assertivo diagnóstico, e tratamento desses pacientes, sendo esse um dos fatores mais impactantes na motivação do odontopediatra, levando a frustração, e tolerância a certos perfis comportamentais de pacientes infantis. (Brant, 2015; Tovo, et al, 2016, Vasconcellos et al, 2017, Shitsuka et al., 2019, Vale et al, 2021). Esses comportamentos são associados a necessidade de evitar passar pelo atendimento, devido ao aumento de medo, e ansiedade do desconhecido, ou do relato traumático de um terceiro, que gera um desafio para o atendimento desses pacientes. (Cardoso & Loureiro, 2008; Moreira et al, 2021).

Comportamentos hostis, e não colaborativos durante o atendimento na especialidade da odontopediatria são alvo de uma série de discussões na comunidade científica, visando a investigação de protocolos, e propostas para melhor contornar as possíveis reações de experiências negativas transmitidas que possam ser prejudiciais para a relação profissional, e paciente baseando-se na ansiedade, medo, repulsa, evitação e estresse. Portanto, é inerente a prática profissional do odontopediatra a necessidade de conhecer e compreender as fases do desenvolvimento infantil, e suas manifestações comportamentais pertencentes a cada faixa etária. O conhecimento do universo da criança, permitirá ao profissional uma aprimorada avaliação do contexto como um todo, objetivando a escolha das melhores técnicas de manejo comportamental para cada caso específico. (Brandenburg & Haydu, 2009; Brandenburg & Marinho-Casanova, 2013; Oliveira, 2014; Vale et al 2021).

A repulsa, ou birra do paciente pediátrico, esta alicerçada no desejo de não vivenciar experiências que possam ser traumáticas, desagradáveis ou dolorosas. Esse comportamento pode ser observado na externalização, e verbalização de sua vontade de não comparecer a consulta, contudo, observa-se que a grande maioria dos pacientes pediátricos não possuem a opção de escolha, quando relacionado ao comparecimento, ou não a consulta odontológica. (Albuquerque, 2010; Brandenburg, 2009). Portanto, o atendimento, e avaliação comportamental do paciente infantil, tem início momentos antes da consulta de fato. O primeiro contato é realizado no momento em que ele adentra o consultório, seguido pela anamnese, e observação do perfil comportamental da criança, para facilitar a escolha da técnica de manejo comportamental mais adequada de acordo com a especificidade e individualidade de cada caso. (Brandenburg, 2009, Moreira et al, 2021)

O manejo comportamental para o atendimento em odontopediatria possui três âmbitos distintos: farmacológico, físico e linguístico. O uso de um, ou mais âmbitos para manutenção, e adequação do comportamento do paciente infantil, antes, durante, ou após a consulta, demonstra a relação multidisciplinar entre a odontologia, e a psicologia no decorrer do atendimento como um todo. (Tovo et al, 2016). A escolha, e utilização de uma, ou todas as esferas pertencentes ao âmbito das técnicas de manejo comportamental, é avaliado e aplicado após análise de cada caso, pois a aceitabilidade, e tolerância de cada criança, é individual, e gradativa, assim como sua fase de maturação, e desenvolvimento psicomotor. (Rocha, 2015)

O objetivo deste trabalho é apresentar por meio de uma revisão de literatura, algumas técnicas de manejo comportamental não farmacológicas utilizadas no tratamento do paciente odontopediátrico.

2. Metodologia

Esta revisão bibliográfica da literatura avaliou artigos publicados de 2008 a 2021, relacionados ao manejo comportamental não farmacológico em odontopediatria e sua relação com o medo e ansiedade. (Estrela, 2018) Foram selecionados artigos para leitura dos resumos nas bases de dados como a Pubmed, Bireme, SciELO e LILACS. Os critérios de exclusão foram baseados na data de publicação, e relação com o tema proposto pelos descritores. Após leitura inicial dos resumos, foram selecionados 27 artigos que foram lidos na íntegra e constituem o corpo bibliográfico desta revisão.

3. Resultados e Discussão

Medo e ansiedade infantil durante o atendimento odontológico

O medo do tratamento odontológico, é uma das barreiras que acometem grande parte das pessoas, sejam elas adultos, ou crianças. É conceituado como uma emoção inata ao ser humano, todavia, pode ser extremamente prejudicial para a saúde bucal, quando o medo é direcionado a figura do dentista, ou ao tratamento odontológico, o medo pode levar à rejeição frente a consulta, e impactar diretamente do sistema estomatognático do paciente. Por ser uma emoção natural, e de defesa a situações específicas, a figura do profissional, relatos de dor, e a aparência dos instrumentais são fatores que podem desencadear situações associadas ao medo frente ao tratamento odontológico. (Andrade et al., 2020; Bodin, 2021)

O atendimento odontológico pode promover situações de ansiedade e medo no paciente infantil mediante a exposição de uma nova experiência, não habitual em seu cotidiano, que envolve materiais, equipamentos, e o profissional odontopediatra. Essa saída da zona de conforto, e conhecimento em algo desconhecido, pode provocar desconforto físico e psicológico como dor, repulsa, agonia, ansiedade e medo, corroborando para um comportamento não colaborativo. (Shitsuka et al., 2019; Bodin, 2021; Vale et al, 2021)

Situações de medo no paciente infantil são relacionados na literatura com experiências traumáticas em tratamentos odontológicos anteriores, sensação de vulnerabilidade, medo aos instrumentais utilizados no decorrer do atendimento, e a interação das crianças com pessoas estranhas. (Andrade et al., 2020, Moreira et al 2021)

Mediante o medo que pode ocorrer durante o processo de atendimento, que pode levar a não cooperação por parte das crianças, foi necessário a criação, e desenvolvimento das técnicas de manejo comportamentais não farmacológicas. Tais técnicas têm por objetivo obter um comportamento mais cooperativo, e amistoso entre a criança e o profissional durante o tratamento odontológico. (Coelho et al., 2021)

Técnica do falar-mostrar-fazer

Essa técnica tem por objetivo principal estimular a compreensão do paciente pediátrico a respeito de todo o procedimento odontológico que será realizado, e é dividido em três etapas: explicação do que será realizado, seguido de demonstração por vias táteis, visuais, e auditivas, onde o paciente observa, toca, e brinca com o instrumento, e somente após essas etapas, é realizado o procedimento de acordo com o que foi explicado para o paciente previamente. Portanto, essa técnica é baseada na explicação verbal, e não verbal do procedimento a ser realizado, com intuito de gerar a compreensão e cooperação da criança. O maior benefício da técnica falar-mostrar-fazer está em incluir a criança como parte ativa do processo, promovendo um aprofundamento na relação paciente/profissional, permitindo em muitos casos uma considerável queda na resistência ao procedimento. (Brandenburg & Marinho-Casanova, 2013; Sant'anna et al, 2020, Vale et al, 2021)

Brandenburg e Marinho-Casanova, (2013), sugerem que haja uma maior colaboração da técnica fale-mostre-faça em crianças com a faixa etária de 5 (cinco) á 7 (sete) anos de ambos os sexos. Esse dado credita os resultados satisfatórios a um maior grau de maturidade cognitiva comum ao desenvolvimento de crianças nessa idade. Todavia, em crianças com 2 (dois), e

3 (três), observou-se um nível de colaboração foi significativamente menor, quando comparados ao primeiro grupo. Esses resultados denotam que crianças com maior compreensão devido a maior maturidade cognitiva correspondem melhor a esta técnica, e reforça a hipótese descrita neste estudo, de que crianças mais novas e com menor maturidade cognitiva, tem mais dificuldade em compreender, e assimilar a tarefa, reduzindo a quantidade de pacientes que nos permitem o uso desta técnica. (Brandenburg, & Marinho-Casanova, 2013).

Técnica da distração

Essa técnica utiliza algum fator que promova a distração da criança durante o procedimento odontológico. Seu objetivo é distrair o paciente, afim de evitar comportamentos que possam inviabilizar ou dificultar o atendimento devido a exposição ao medo, ansiedade e estresse. Portanto, o odontopediatra irá se valer de recursos que permitam a distração do paciente, propiciando um ambiente propício ao atendimento clínico. (Matos, et al, 2018).

A música, é uma das estratégias de distração mais utilizadas durante o atendimento em odontopediatria. Vale et al, 2021, sugere que os acordes musicais podem contribuir para a diminuição de fatores como medo, ansiedade, e estresse no paciente pediátrico. Dentro da técnica da distração, o uso da música como manejo comportamental não farmacológico, é chamada de musicoterapia. Brant, (2015), utilizou a música como estratégia para aplicação da técnica de distração, objetivando sessões de tratamento menos traumáticas para os pacientes infantis. Para análise da eficiência, e eficácia dessa técnica, usou-se a aferição da FC (frequência cardíaca), e SpO2 (saturação de oxigênio), dos pacientes submetidos a aplicação da musicoterapia. Foram avaliadas 34 crianças de 4 (quatro) a 6 (seis) anos de idade, de ambos os sexos, que não possuíam experiência prévia em atendimentos odontológicos, com presença de duas cáries em molares decíduos, foram realizadas 3 (três) consultas, onde duas últimas foram designadas para execução do tratamento restaurador atraumático (ART), a música utilizada nesse estudo foi a Sinfonia 40 em sol menor K550 de Wolfgang Amadeus Mozart. Os resultados apontam uma significativa diminuição da SpO2 em um dos grupos durante a utilização da música como técnica de distração. À vista disto acredita-se que a música pode interferir no andamento do tratamento odontológico como fator relaxamento, e tranquilizante para atendimento em odontopediatria. (Brant, 2015; Matos, 2018).

As técnicas de distração possuem efetividade para controle do medo, ansiedade, e angústia em crianças durante as consultas odontológicas. A literatura não aponta contraindicações para o uso dessa técnica como estratégia de manejo comportamental não farmacológico para crianças e adolescentes. (Robertson et al., 2019; Prado et al., 2019)

Técnica de aumento, ou controle da voz

É uma técnica que possui grande aceitação e boa resposta, quando aplicada em crianças na fase pré escolar, é baseada na modulação do tom da voz, assertividade, clareza no diálogo. É uma das técnicas mais aceita entre pais, e tutores. Para sua execução, é necessário, que o cirurgião dentista construa um relacionamento que o permita manter o diálogo com a criança. As instruções devem ser objetivas, e claras, para que a criança a compreenda, e se necessário as aplique, evitando comunicações externas com interlocutores. (Albuquerque, 2010; Brandenburg, 2009; Matos, 2018).

Técnica da modelagem

A técnica da modelagem se baseia na observação de uma outra criança já adaptada ao tratamento odontológico, ou seja, a criança deverá observar outras crianças com o comportamento cooperativo, afim de modelar o próprio comportamento para a consulta. Para que tal abordagem funcione, é necessário uma criança já adaptada as consultas, ou objeto como modelo. Sant'anna et al, 2020, sugerem que a criança ao ser exposta a técnica da modelagem tende a copiar o comportamento do modelo, permitindo

dessa forma um comportamento mais cooperativo frente a imagem do odontopediatra, e as consultas odontológicas. (Sant'anna et al, 2020).

Ensino das técnicas no ambiente acadêmico

O ensino da odontopediatria como área de atuação dentro da odontologia, seja de forma presencial ou remota, tem como fator de grande importância a compreensão das técnicas de manejo comportamental não farmacológicas, afim de permitir que o profissional tenha autonomia, e segurança para aplica-las em sua prática profissional, permitindo a condução da consulta de forma adequada, sobretudo com a colaboração, e participação ativa do paciente infantil, de forma não traumática. (Valente et al., 2021; Santo, 2016; Rocha et al., 2021, Vale et al, 2021)

4. Conclusão

As técnicas de manejo comportamental não farmacológicas, são descritas na literatura como estratégias eficientes para reduzir o medo odontológico no paciente infantil. Todavia, é necessário, que o profissional conheça, e domine tais técnicas, afim de viabilizar uma interação favorável, e benéfica com a criança, respeitando suas individualidades, enquanto indivíduo, e ser único. Levantamos ainda a necessidade de mais estudos sobre a aplicação, e eficácia das técnicas de manejo comportamentais não farmacológicas em odontopediatria para pacientes com necessidades especiais durante atendimento odontológico.

Referências

- Albuquerque, C. M., Gouvêa, C. V. D., Moraes, R. C. M., Barros, R. N., Couto, C. F. (2010). Principais técnicas de controle de comportamento em Odontopediatria. *Arquivos em odontologia* 45(2), 110-115.
- Alves, I. B. S., Granville-Garcia, A. F., Firmino, R. T., Gomes M. C., Costa, E. M. B. (2019). The use of audiovisual distraction eyeglasses as a resource in pediatric dental care: a case series. *RGO. Revista Gaucha de Odontologia*, 67, 1-7.
- Andrade, N. M., Laureano, I. C. C., Farias, L., Fernandes, L. H. F., & Cavalcanti, A. L. (2020). Medo odontológico em escolares: um estudo piloto utilizando o Children's Fear Survey Schedule - Dental Subscale. *Research, Society and Development*, 9(5), e26953124. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3124>
- Bodin, M. A. V. (2021). Ansiedade em odontopediatria: controlo de comportamento não farmacológico.
- Bönecker, M. (2015). Odontopediatria marcando presença. *Revista da Associação Paulista de Cirurgões Dentistas*, 69(1), 11-13.
- Brandenburg, O. J., Haydu, V. B., (2009). Contribuições da análise do comportamento em odontopediatria. *Revista de psicologia ciência e profissão*, 29(3), 462-477.
- Brandenburg, O. J., Marinho-Casanova, M. L., (2013). A relação mãe-criança durante o atendimento odontológico: Contribuições da análise do comportamento. *Estudos de psicologia*, 30(4), 629-640.
- Brant, M. O. (2015). A música como estratégia de distração durante o atendimento odontológico de crianças um ensaio clínico cruzado. Programa de pós graduação UFGM.
- Cardoso, C. L., Loureiro, S. R. (2008) Estresse e comportamento de colaboração em face do tratamento odontopediátrico. *Revista de psicologia em Estudo*, 13(1), 133-141.
- Coelho, V. F. D., Coelho, L. V. D., & Costa, A. M. G. (2021). Técnicas de manejo em Odontopediatria: uma revisão narrativa da literatura. *Research, Society and Development*, 10(11), e414101119489. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19489>
- Estrela, C. (2018). Metodologia Científica: Ciência, Ensino, Pesquisa. Editora Artes Médicas.
- Maltarollo, T. H., Pedron, I. G., Medeiros, J. M. F., Kubo, H., Martins, J. L., & Shitsuka, C. (2020). A erosão dentária é um problema! *Research, Society and Development*, 9(3), e168932723. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i3.2723>
- Matos, L. B., Ferreira, R. B., Vieira, L. D. S. (2018). *Manejo de comportamento em crianças com ansiedade e estresse em clínica de Odontopediatria*, 4(1):18-24.
- Moreira, J. S., do Vale, M. C. S., Francisco Filho, M. L., de Souza, K. M. N., dos Santos, S. C. C., Pedron, I. G., & Shitsuka, C. (2021). Técnicas de manejo comportamental utilizados em odontopediatria frente ao medo e ansiedade. *E-Acadêmica*, 2(3), e032334-e032334.
- Oliveira, C. C. O. (2014). Atividades lúdicas na odontopediatria: Uma breve revisão literária. *Revista Brasileira de Odontologia*. 71(1), 103-7.

- Prado I. M., Carcavalli L., Abreu L. G., Serra-Negra J. M., Paiva S. M., Martins C. C. (2019) Use of distraction techniques for the management of anxiety and fear in paediatric dental practice: A systematic review of randomized controlled trials. *Int J Paediatr Dent.*;29(5):650-668. 10.1111/ipd.12499.
- Possobom R. F., Carrascoza, K. C., Moraes A. B. A., Costa Jr, A. L. (2007). O tratamento odontológico como gerador de ansiedade. *Psicologia em Estudo.* 12(3), 609-616.
- Robertson M, Araujo M, Innes N. (2019) Anxiety and fear management in paediatric dentistry using distraction techniques. *Evid Based Dent.* 20(2):50-51. 10.1038/s41432-019-0020-y.
- Rocha S. S. D., Joye C. R., Moreira MM. (2020) A Educação a Distância na era digital: tipologia, variações, uso e possibilidades da educação online. *RSD [Internet]*. 9º de abril de 2020 [citado 4º de setembro de 2021];9(6):e10963390. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3390>
- Sá Rocha, R. A. S., Rolim, G. S., & de Moraes, A. B. A. (2015). Procedimento preparatório para atendimento de pacientes não colaboradores em odontopediatria. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 23(4), 423-435.
- Sant'anna, R. M. M., Silva, R.A., Silva, L. V., Almeida, T. F. (2020). Aspectos éticos e legais das técnicas de manejo de comportamento em odontopediatria: Uma revisão narrativa da literatura. *Rev Bras Odontol Leg RBOL.* 7(2), 70-80.
- Santo E do E. (2016). Ensinar e aprender na Educação a Distância: um estudo exploratório na perspectiva das práticas tutoriais. *RSD [Internet]*. 8º de dezembro de 2016 [citado 4º de setembro de 2021];3(2):92-114. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16>
- Shitsuka, C., Friggi, M. N. P., & Volpini, R. M. C. (2019). Influência dos pais sobre o comportamento infantil no atendimento odontológico. *Research, Society and Development*, 8(7), e43871154. <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i7.1154>.
- Vale, M. C. S., Carmargos, V. G., Loureiro, D. S., dos Santos, J. M., Pedron, I. G., Toline, C., & Shitsuka, C. (2021). O uso da música como estratégia de manejo comportamental em odontopediatria. *E-Acadêmica*, 2(3), e232355-e232355.
- Valente, G. S. C., Moraes, É. B., Sanchez, M. C. O. S., Pacheco, M. C. M. D. (2020) O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente. *RSD.* 9(9): e843998153. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153>.
- Vasconcellos, C., Imparato, J. C. P., Rezende K. M. (2017). Motivation chart as supporting tool in pediatric dentistry. *RGO. Revista Gaucha de Odontologia.* 65(3), 276-281.
- Tovo, M. F., Faccin, E. S., Vivian, A. G (2016). Psicologia e odontopediatria: Contextualização da interdisciplinaridade no Brasil. *Aletheia*, 49(2) ,76-88.